

MECANISMO PSICO-NEURO ENDÓCRINO DO DESEJO

Hugo Miyahira¹

Se considerarmos que “comportamento” é a ação observável no indivíduo, então necessariamente haveremos de intuir que tal ação só ocorreu porque “circuitos neurais”, ligações nervosas entre vários tecidos (glandulares, músculo-esquéticos, sensoriais, nervosos...), que compõem este indivíduo, tenham se feito, modificando o estado pré-comportamental.

Uma criança, ao nascer, não tem o mesmo “status” neural de um adulto. Na realidade, constitui uma potencialidade, uma “massa plasmável” que, ao longo da vida, num jogo de erros e acertos, de recompensas e castigos, se desenvolve, modificando comportamentos inadequados, regulando aqueles que, segundo as circunstâncias, tornam-na apta à sobrevivência.

Num estado pré-consciente, parece haver um impulso vital que se destina à manutenção da vida e, mais tarde, ao prazer. Ligações nervosas, sinapses e manutenção das estruturas envolvidas nesse mecanismo de adaptação só se farão se aquela “massa plasmável” inicial contiver, em si, resultante de milhares de anos de evolução, cromossomas, DNA(s), gens, que, ao codificarem proteínas, permitirão a adaptação exigida, resultante de um verdadeiro “bio-feedback” com o meio.

¹ Médico, ginecologista; doutor em ginecologia pela UFRJ
Rua Visconde de Pirajá, 550/1315 - Ipanema - Rio de Janeiro, RJ. CEP 22410-002
Tel: (21) 2239-1597 E-mail: sgorj@sgorj.org.br

Lembro que estes genes, em interação com as exigências e mudanças do meio, poderão sofrer alterações (mutações). Estas alterações permitirão, ao indivíduo, adquirir características até então inexistentes, que o habilitarão a uma melhor adaptação a este meio e, portanto, a ter maiores chances de sobrevivência. Estas alterações poderão também, ao contrário da anterior, prejudicá-lo, levando-o à não-sobrevivência, à extinção da espécie, à morte.

Quando tratamos de "comportamento", claramente percebemos dois componentes:

- O primeiro, "aprendido" na comunidade, dependente, portanto, da "cultura", que é verificável inclusive em animais.
- O segundo, dependente apenas de mecanismos de adaptação, ao longo da evolução das espécies, instintivo, não intelectual.

O comportamento sexual, tendo em vista que tem, como corolário, a sobrevivência da espécie, é fundamental à manutenção da vida. O homem, como ser gregário, vivendo em cerca de 10.000 (dez mil) culturas, ao longo de sua evolução, tem o componente "aprendido" multivariado.

O estudo de seu componente "instintivo", em nível subcortical, envolvendo respostas endócrina e motora, levou-nos a procurar apoio nos estudos de etologia, comportamento comparado animal e, a partir daí, embora mecanicista, a inferências com a estrutura nobre do ser humano: seu córtex cerebral.

Quando observamos o acasalamento de mamíferos, percebemos vários hábitos. Desde machos com muitas fêmeas, poligínicos (girafas, orangotangos, ratos silvestres das montanhas), fêmeas com vários machos (Falarópio) e casais monogâmicos (3% dos mamíferos, 90% das aves, 12% dos Primatas).

Qualquer comportamento exige, inicialmente, um “motivo” para seu desencadeamento. Este motivo tem a ver com a privação de algo básico para a sobrevivência, como a fome, a sede e o sexo. A satisfação deste “motivo” (ou, no caso do sexo, deste “instinto” prazeroso, desejo, libido) e a sua repetição, tendem a suprimir ou diminuir o desejo. Assim, o comportamento cumpre, além de seu objetivo específico (sobrevivência!), a função de promover um alerta geral ao organismo e organizá-lo seqüencialmente, para fazer face a esta necessidade.

Que fatores regulam a motivação?

Além da seleção evolutiva, do ritmo circadiano (dia/noite, luz/escuridão, calor/frio...), da impressão geneticamente herdada pelo organismo vivo, o prazer é também um agente motivador do comportamento. Este, se presente, alternante com períodos em que está ausente, é capaz de promover, no homem, lembranças ou memórias da sensação prazerosa, motivando-o novamente à sua busca.

A motivação sexual é, assim, dependente, segundo a espécie, da sociedade, da cultura, de uma “privação fisiológica”, de um binômio vigília/saciedade e de estímulos de incentivos que são inatos, condicionados ou aprendidos. Estudos com tomografia cerebral, com emissão de positrons, sugerem que neurônios dopaminérgicos (na via nigroestriada) e área tegmentar ventral, hipotálamo e estruturas rostrais no cérebro, sejam aquelas envolvidas mais especificamente com a motivação.

Não se pode, entretanto, descartar a importância dos neurônios colinérgicos (no Hipocampo) e do córtex frontal, envolvidos na memória, como envolvimento neural que precede a motivação.

O cérebro de 100 (cem) bilhões de neurônios, de 100 (cem) mil conexões sinápticas por neurônio, com suas modificações protoplasmáticas, seja pela aquisição do conhecimento, seja pela aquisição de um comportamento, seja pela modulação (reforço ou inibição) destes, permanece ainda como a última, a mais difícil, senão impossível fronteira a ser desvendada. Hormônios

esteróides, neurotransmissores e outras neurosecreções cumpririam o papel de facilitar, bloquear, modular a ativação de sítios específicos (adultos) do cérebro “réptil” envolvido no comportamento sexual.

A neurociência resultou do avanço da neuroquímica (neurotransmissores e psicofarmacologia), do uso de modelos animais simples (drosófila, camundongos, estrela marinha...) de estudos anatômicos, imunohistoquímicos, autópsia de enfermos (Doença de Alzheimer, Parkinson...).

A visão, a audição, a olfação e o tato podem ser considerados triunfos analíticos desta fabulosa “máquina”. A inteligência, a consciência, a capacidade deste tipo especial de matéria, questionar sua própria origem, finitude, sua razão de ser, seus desejos e sentimentos ultrapassa, no momento, os simples mecanismos físicos e químicos de interação com o meio.